



A empresários, vice prega diálogo e pede ‘confiança’

Mourão faz discurso a cerca de 700 dirigentes reunidos pela Fiesp; Flávio Rocha, da Riachuelo, diz que governo tem de mudar ‘chip’

Daniel Weterman e Pedro Venceslau, O Estado de S.Paulo

Em discurso para uma plateia de cerca de 700 dirigentes empresariais ligados à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o vice-presidente Hamilton Mourão (PRTB) pregou nesta terça-feira, 26, “diálogo” e pediu “confiança” nos líderes do governo.

Depois de ressaltar que sua presença na reunião atendia orientação do presidente Jair Bolsonaro, disse que o bom senso tem de “sobreviver”.

“Temos de dialogar com eles (*parlamentares*) e não fugir ao diálogo. Vai levar pedrada? Vai, faz parte da vida política e todos aqui sabem muito bem que minha experiência política é baixíssima. Mas o bom senso tem de sobreviver nessas horas”, afirmou Mourão.

Sua fala teve como pano de fundo os confrontos dos últimos dias entre Bolsonaro e o Congresso em torno da reforma da Previdência.

Os parlamentares cobram maior diálogo do governo para apoiar o projeto, enquanto o Planalto responde que não irá negociar com base na “velha política”, sem indicar uma alternativa.

A reforma da Previdência é tida como essencial pelo setor empresarial como forma de equilibrar as contas do governo.

Este não foi o único compromisso, na terça-feira, de Mourão com uma plateia formada por empresários. À noite, ele participou de um jantar oferecido pelo próprio presidente da Fiesp, Paulo Skaf, em sua residência, no bairro do Morumbi.

A lista de convidados contou com nomes de peso do empresariado do País, como Flávio Rocha (Riachuelo), Josué Gomes (Coteminas), Fábio Coelho (Google) e David Fefer (Suzano).

INFORME

Do setor financeiro, estava, entre outros, Luiz Carlos Trabuco (Bradesco). Também participaram os ex-ministros Henrique Meirelles e Nelson Jobim.

Ao chegar ao jantar, Flávio Rocha, que é presidente do Conselho de Administração da Riachuelo, disse que o governo precisa trocar o “chip da campanha” pelo “de governar”. “É preciso trocar o chip da campanha, de acirramento, do inimigo comum, para o chip de governar e em torno de um propósito comum, e esse propósito maior é a nova Previdência”, disse ele.

O empresário avaliou que os atritos entre Bolsonaro e o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), serviram como um “estremecimento” para alertar governo e Congresso sobre a urgência da reforma.

Até a conclusão desta edição, o encontro não havia terminado.

A participação de Mourão em eventos com empresários e políticos já rendeu críticas de colegas do próprio governo, que veem no movimento do vice uma tentativa de esvaziar a influência de Bolsonaro e assumir um papel de protagonista no governo.

Mourão já foi criticado, por exemplo, por Carlos Bolsonaro e também pelo escritor Olavo de Carvalho, considerado guru dos bolsonaristas, que chamou Mourão de “idiota”.

Lotação

O evento com o vice-presidente seria realizado inicialmente em um auditório no 15.º andar da sede da Fiesp, na Avenida Paulista, com capacidade para 300 pessoas.

Como a demanda foi maior que o esperado, o encontro teve de ser transferido para o Teatro do Sesi, no subsolo do prédio, onde cabem 450 pessoas sentadas.

Quem não conseguiu entrar, pode acompanhar o discurso por um telão do lado de fora do teatro.

Em uma rápida declaração à imprensa antes da reunião na Fiesp, o vice-presidente disse que é preciso conduzir reformas que interessam ao País e declarou saber das “angústias e dúvidas” que estão sendo levantadas sobre a proposta do governo para o sistema de aposentadoria. Depois do evento, ele não deu mais entrevistas.

(Fonte: Estado de SP – 27/03/2019)

FOLHA DE S.PAULO

Triplica a busca por vaga em mutirão de emprego em São Paulo

Feirão promovido por sindicato no centro da capital paulista teve 15 mil pessoas para 6.000 postos

Patrícia Pasquini

Cerca de 15 mil desempregados formaram, nesta terça (26), uma fila gigantesca no vale do Anhangabaú (região central da capital), em busca de uma das 6.000 vagas de emprego oferecidas na terceira edição do mutirão do emprego, promovido pelo Sindicato dos Comerciantes e pela UGT (União Geral dos Trabalhadores) em parceria com a Prefeitura de SP.

O número é quase três vezes maior que o do segundo feirão, em agosto do ano passado, quando 5.500 candidatos buscavam uma das 4.000 vagas oferecidas. A fila reflete a alta do desemprego no país.

Segundo dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) Contínua, no trimestre terminado em janeiro de 2019, a taxa ficou em 12%, o que representa um total de 12,7 milhões de pessoas sem vaga.

No trimestre anterior (agosto, setembro e outubro de 2018), eram 12,4 milhões de desempregados. Ontem, 1.500 pessoas foram atendidas. O restante pegou senha. Ao todo, foram distribuídas 10,2 mil senhas. O atendimento irá até 4 de abril.

Por dia, 1.200 vão fazer ficha para uma vaga. A fila começou a ser formada na manhã de segunda-feira. O cozinheiro Bruno Coutinho Dias, 42 anos, foi o primeiro a chegar na segunda, às 9h. Há quatro meses, resolveu deixar Vitória (ES) para procurar emprego na capital paulista.

Morador do Cambuci (região central), Dias vive de bicos e ontem conseguiu uma vaga. “Apesar de a crise estar no Brasil inteiro, ainda é mais fácil conseguir um bom emprego em São Paulo”, avalia ele. O emprego não foi conquistado por meio do mutirão, mas estar no local certo na hora certa foi o que lhe garantiu uma nova colocação.

Ontem, a distribuição de senhas começou por volta das 8h30. Cada candidato ganhou um lanche, fez a triagem inicial e, após avaliação de currículo e entrevista, foi direcionado a uma das empresas.

INFORME

Oportunidades

As oportunidades oferecidas no feirão foram para diversas áreas, entre elas auxiliar, mecânico de manutenção, confeitiro, telemarketing, operador de caixa, atendente, vendedor de loja, empacotador e balconista, entre outras. O Grupo Pão de Açúcar, por exemplo, disponibilizou 1.500 postos.

Recrutador conseguiu se recolocar em feirão

Selecionador da empresa LC Restaurantes, Vanderson Camargo, 43 anos, irá recrutar 200 pessoas a partir dos 18 anos. Contratado há seis anos, ele conseguiu uma vaga como ajudante em um feirão promovido pelo então CST (Centro de Solidariedade ao Trabalhador), que não funciona mais. Camargo vai selecionar trabalhadores para os cargos de ajudante de cozinha, cozinheiro e cozinheiro líder. O início é imediato.

A LC tem 400 unidades no Brasil, sendo 60% em SP. A empresa oferece assistência médica e odontológica, cesta básica, vales transporte e refeição, e salário inicial de R\$ 1.256.

Ontem, 16 pessoas preencheram a ficha para tentar uma vaga no local. Thaís Rodrigues, 23, de Suzano (Grande SP), foi uma das contempladas. Ela chegou ao mutirão do emprego às 4h30 e saiu dez horas depois, empregada.

Empresas oferecerão mais oportunidades

O número de vagas ofertadas no feirão do emprego deverá subir nos próximos dias, segundo informações de Ricardo Patah, presidente do Sindicato dos Comerciantes e da UGT. “A seleção é feita por 26 empresas.

No total, o sindicato tem convênio com cem empresas, mas outras já contataram o sindicato e manifestaram o desejo de ofertar vagas. Então, haverá um rodízio entre elas.” Além de um emprego, o candidato pode sair com a chance de se qualificar gratuitamente em uma das 1.300 vagas destinadas aos cursos de qualificação oferecidos pelo Senai e pelo governo estadual em parceria com o sindicato.

“Em 2018, a UGT organizou dois mutirões com 10 mil oportunidades. Destas, 6.000 foram ocupadas. Detectamos que a ausência de capacitação e qualificação foram decisivas para a não contratação”, diz.

INFORME

Recuperação dos postos de trabalho virá com investimento

Para reduzir a taxa de desemprego para 5% , precisaremos empregar 7 milhões

Hélio Zylberstajn - SÃO PAULO

Todos tivemos uma boa surpresa com os dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) divulgados na segunda-feira (25).

Ninguém esperava os 173 mil novos empregos com carteira em fevereiro.

Duas perguntas agora são inevitáveis. A primeira: começou a virada? E a segunda: em quanto tempo chegaremos a níveis toleráveis de desemprego?

É muito provável que não se trata ainda de uma virada e a razão é muito simples.

Em geral, as empresas preferem usar horas extras antes de expandir seu quadro de empregados.

As contratações começam a crescer depois de algum tempo de consolidação do faturamento. E isso ainda não ocorreu porque é grande ainda a incerteza.

Tudo leva a crer que a quantidade de contratações nos próximos meses não deverá repetir o número de fevereiro, infelizmente.

Supondo que os números se repitam, quanto tempo precisaremos para reduzir substancialmente os atuais 12% de taxa de desemprego?

Para reduzir a taxa para 5% —um nível "aceitável" —, precisaremos empregar 7 milhões de desempregados atuais e ao mesmo tempo absorver 1 milhão de novos trabalhadores que chegam ao mercado todos os anos.

Se conseguirmos criar 2 milhões de empregos por ano (o que não é fácil), chegaremos aos 5% em sete anos.

Esses números mostram não apenas a gravidade do problema como também a enorme dificuldade para resolvê-lo em prazo razoável.

O que fazer para promover rapidamente o emprego?

Reduzir encargos? Flexibilizar? Subsidiar? Ampliar o crédito?

INFORME

Isso tudo foi praticado nos últimos governos, mas não deu certo.

Nos governos Lula e Dilma, o país esqueceu de investir e promoveu o consumo e o crédito. Quando atingimos o limite do modelo, o governo flexibilizou a demissão, desonerou a folha. Não adiantou.

O mais importante para um crescimento sustentado, o essencial mesmo, é recuperar o investimento na produção e na infraestrutura.

Quando falamos em investimento, estamos falando em construção de fábricas, estradas, portos, aeroportos, saneamento, usinas elétricas, linhas de transmissão etc.

O investimento cria empregos nos diversos setores da economia porque amplia a demanda por bens e serviços. Ao mesmo tempo, cria empregos diretos na execução das obras de investimento.

Quanto mais cedo recuperarmos o investimento e quanto mais pudermos investir, mais rápida será a recuperação do emprego. Não há outra receita.

Fica uma terceira pergunta: o que está faltando para o investimento voltar? A resposta está em Brasília.

Hélio Zylberstajn é professor sênior da FEA/USP e coordenador do projeto Salariômetro